

Assunção, Natali.

Narrativas de uma memória em chamas: Uma experiência em Teatro Documentário.

Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Artes Cênicas. Mestranda.

RESUMO: Como construir uma escrita feminina documental na cena? O teatro Documentário bebe em fatos e elementos do real e deságua em uma reflexão cênica. Partir do diálogo com outras e com você mesma pode tecer uma narrativa do real.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro, teatro documentário, feminino.

ABSTRACT: How to build a female documentary writing on the scene? The Documentary theater drinks in facts and elements of the real and flows into a scenic reflection. Starting from dialogue with others and with yourself can weave a narrative of the real.

KEYWORDS: Theater, documentary theater, female.

“O que pode ser mais forte
que o coração da gente
que se quebra em tantas partes
e ainda bate”
(KAUR, 2017)

A tela permanece inquisidora, quase como se quisesse que eu confessasse meus pensamentos e desejos mais profundos ou como se quisesse ela mesma me entrevistar sobre tudo que passei e venho passando. Uma espécie de câmera-olho, parafraseando o cineasta polonês, Dziga Vertov¹. Só que voltada para dentro, para o meu interior. Começo a acreditar que apenas assim, em uma conversa franca e aberta, posso conseguir esmiuçar o que venho procurando na minha travessia pelo espelho. Assim como muitas mulheres falaram francamente comigo, preciso falar francamente com você, mas talvez eu já esteja me adiantando e misturando tudo. Talvez não.

A página permanece um bom tempo em branco enquanto o cursor pisca diante dos meus olhos, mas a calma da tela do computador em nada reflete a ebulição da minha alma que, nesse exato momento, bem como na maior parte das horas do dia, encontra-se em um estado de enorme excitação e bombardeio de sentimentos, sensações e pensamentos.

É impossível falar sobre essa pesquisa sem começar desenrolando meu próprio emaranhado de linhas, sem dar um salto no abismo. No meu próprio abismo. Me parece muito inusitado meu interesse pela memória uma vez que a minha própria não é das

¹ Câmera olho ou Homem com uma câmera (1929/ Dir. Dziga Vertov)

melhores. Na verdade, para ser completamente honesta, até é, só que extremamente seletiva. Em partes, imprestável e em partes, surpreendente.

Então eu te pergunto: o que eu poderia te contar sem me rasgar por completo? Sem me desdobrar em muitas de mim, arder em memórias turvas e me expor de dentro para fora? O que eu poderia fazer para tirar essa estrutura, hoje sólida, que se alojou na minha garganta e teima em se materializar em voz? Talvez se eu desaguar em letras escritas... Talvez se meus dedos pulsarem no atrito entre lápis e papel essa profusão de ideias consiga escapar da teia confusa de pensamentos, ansiedades e autocobranças, vazando então na antiga página em branco que, em um piscar de olhos, conterà todos os segredos que me habitam. Aqueles que conheço e tento esconder e aqueles que nem percebo e, no entanto, me constituem. Talvez assim nós possamos nos fundir porque aí você teria um pedaço de mim em suas mãos. Mais do que um coração arrancado para que você possa amar ou olhos para que possam te admirar. Um pedaço, assim, que é quase o todo. Um universo inteiro em palavras.

Hoje eu voltei ao início. Parece que não existe outro ponto de partida. Eu costumava dizer a mim mesma que, desse princípio, eu lembrava pouco ou quase nada, mas parece que dentro dos registros, recordações, recriações e invenções da pele e da memória, a essência me habita.

Minha mãe me contava histórias. Dentre elas havia a da estrela que, apaixonada por um grão de areia que morava na praia, lançou-se num salto em busca desse amor e acabou se tornando uma estrela do mar. Também minha mãe amava cinema e me levava para ver filmes naquela grande tela de um mundo paralelo, bem como compartilhava sessões em casa com direito a muitas repetições até que nós decorássemos falas que reproduzimos até hoje. Desse impulso tomei gosto e passei a habitar locadoras durante horas sem fim atrás de títulos, descobrindo outros, fazendo amigos e conversando com donos e clientes desses estabelecimentos que me habitaram. Em um outro tempo, de um outro ritmo, também eu queria ter uma locadora-café. Quentin Tarantino² trabalhou em uma antes de *Cães de Aluguel* (1992/ Dir. Quentin Tarantino), ainda hoje o meu preferido dele.

Eu buscava histórias e me encantava com todas elas. Amigos, vizinhos, primos.... Minhas primas e eu encenávamos também. Eu queria ser cantora, sim, era fã de *Sandy e Júnior*³, e escritora. Estava permanentemente na escuta das histórias e elas sempre chegavam. Um ser bem sociável. Não gosto de mapas nem de coordenadas exatas. Perco-me em linha reta e gosto de pedir informação. Não por acaso me mantive artista e

² Cineasta, roteirista e ator americano.

³ Dupla brasileira de irmãos cantores.

busquei a comunicação. A sede de escuta não acaba. O documental pode ter chegado como gênero, mas o desejo é de estar diante de outros, olho no olho, em um tempo paralelo que só a presença e a escuta podem proporcionar. Há algo de mágico no cotidiano.

Quando recorro ao dicionário, o *google* me diz assim: “Memória - *Substantivo feminino* - faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. “uma m. boa ou má”. nome, reputação. “a m. desse homem é ora caluniada ora defendida”.⁴ No entanto, refletindo um pouco mais sobre o assunto, destaco que a memória também fantasia e gera ficção na medida em que registra porque parte sempre de um ponto de vista. Além disso, “não podemos desvincular a memória do presente, já que ela está em constante construção, tendo como material nossa vivência do dia-a-dia” (SOLER, Marcelo, 2010). Ou seja, partimos de fragmentos guardados em nós reconstituídos no agora, a partir de quem somos hoje.

Em diferentes momentos já fui questionada sobre lembranças referentes à minha origem, ou a primeira música da qual recordo, ou do primeiro filme visto no cinema... Ou ainda sobre recordações da infância, cheiros, momentos... Penso que guardo um mosaico de vivências pontuais. Um elementozinho aqui, outro ali, mas de alguma maneira a maioria das coisas se perdeu. Ao menos daquilo que posso acessar instantaneamente por meio da mente. Me pego diante de uma caixa de fotos daquele tempo no qual o momento ainda era impresso em papel fotográfico e não apenas registrado compulsoriamente em redes sociais, sem durabilidade na relação. Páginas e postagens permanecem mesmo depois que vamos embora, mas é tudo tão distante, tão instantâneo. Vemos, clicamos, curtimos, comentamos e logo esquecemos. Um tempo no qual nada é feito para ter durabilidade, como alertava o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, quando tratava da modernidade e das relações líquidas. Mais se registra do que se vive, momentos só parecem reais se depositados em uma rede social e com esse ciclo vicioso, ansiedades e ompulsões se dilatam enquanto somos expostos a dezenas e dezenas de imagens, estáticas ou em movimento, que levamos frações de segundo para apreciar. E seguimos.

O resgate da memória, portanto se apresenta como um possível caminho na contramão, no caos das múltiplas informações e consequentes esquecimentos. Um respiro, um resgate, uma parada para reconectar e recontextualizar, afinal, retornando ao que te contava há pouco, a memória, ela mesma, só pode acontecer agora, nesse exato momento, no qual reavivamos uma lembrança, uma palavra, um cheiro, um toque, uma

⁴ www.google.com.br

sensação hoje, sob o prisma de quem somos nesse dia, nesse exato momento, e por trás do véu ficcional constituído pela nossa própria perspectiva, pois só podemos reconstruir os fatos a partir dela mesma e do nosso ponto de vista.

“Em tempos das relações voláteis e da ode ao descartável, a experiência poética da memória, cerne de uma proposta de Teatro Documentário, corresponde a um momento de resistência, no qual há a mistura criativa entre as imagens do passado e a imaginação evocando imagens novas num movimento contínuo de descoberta do que somos.”
(GIORDANO, Davi, 2013).

A linguagem documental se mostra como uma das possíveis estradas para essa trajetória uma vez que parte da premissa do real, mas vale ressaltar aqui que realidade e verdade não são sinônimos. Entenda, estamos falando sobre realidades, fatos realmente ocorridos, entretanto não podemos abranger verdades absolutas já que registramos acontecimentos legítimos sob pontos de vistas específicos e, por mais que se possa almejar uma imparcialidade, e muitas pessoas buscam, haverá sempre o seu próprio olhar. Suas escolhas, suas prioridades, seus recortes, sua condução, sua perspectiva.

Diante desse apanhado inicial, posso ir um pouquinho mais além desse desvelar de mim que ainda está tímido, mas espero que você entenda. Não é fácil falar tudo isso diante de você e, por vezes, a mente devaneia. Todavia já indiquei que temos aí dois aspectos que me interessam: a memória e ainda o elemento do real, mas não para por aí. Há, acima desses, o principal fator que me trouxe a esse caminho, o interesse no humano. Fator cuja obviedade, sinceramente, só constatei quando comecei a pesquisa em questão.

Apesar de estar em constante contato com o ficcional, há anos me pego com a ideia de estudar a questão documental. No término da minha primeira formação, *Comunicação Social – Radialismo e TV* (UFPE), pensava em estudar o assunto no cinema. Ao seguir para a formação em interpretação (*Curso de Interpretação para Teatro, SESC Santo Amaro, Recife, PE*) voltei ao tema partindo do biodrama que “tem como material de inspiração a biografia de uma pessoa viva. Trabalha-se a ideia de que cada pessoa é e tem em si própria um arquivo, uma reserva de experiências, saberes, textos e principalmente imagens.”⁵ Hoje percebo que retorno a sementinha há tanto plantada e que tão ansiosamente aguardava sua germinação. Retorno ao documental, mas, nesse retorno, percebo que desde aqueles primeiros anos minha atenção, na verdade, estava no ser humano, nessa relação com o outro. “O Teatro Documentário toca diretamente no tema do humano, e justamente por isso é bastante revelador em termos de testemunho e confissão.” (GIORDANO, Davi, 2013)

Essa percepção tardia a respeito do que realmente move meu interesse surgiu quando pensei sobre duas referências que me acompanham no decorrer desses anos, o documentarista brasileiro Eduardo Coutinho, cujo trabalho constrói sua base na abordagem dos personagens retratados e suas histórias e em como tais relatos se juntam e se costuram formando uma colcha repleta de humanidade e revelações e ainda a jornalista, também brasileira, Eliane Brum que transborda poesia do cotidiano nas suas páginas, dando destaque ao extraordinário contido no ordinário, a beleza que habita todo ser humano composto pelas suas vivências e particularidades.

Foi assim, alinhando esses gigantes, que me peguei rindo diante da constatação que deveria ser transparente como a água, mas que até então se escondia no apreço da condução do documental. Foi essa percepção também que me levou ao encontro com onze mulheres diferentes para abirmos nossas almas e corações para nossas trocas, espelhos e vivências. Foi por meio dessas questões que pude ainda trocar com inúmeras pessoas dispostas a enriquecer o projeto. Que sorte a minha! Que mergulho o nosso! Mas falo melhor sobre isso mais adiante.

Paralelamente a isso havia minha jornada pessoal sobre a qual penso agora a respeito e me pergunto se seria possível distinguir as duas perspectivas, pesquisa e pesquisadora, parece que não. No entanto, não saberia condensar minhas dores e felicidades em algumas linhas para ambientar você. Talvez não seja mesmo possível e tudo bem. Talvez seja importante deixar espaços em branco para que você mesmo possa completar as lacunas. Para que fique um mistério. Ou para que possamos reconstruir nossa jornada juntos. Afinal, o relato, reflexo da memória, não é também uma coleção de fragmentos guardados e pinçados sob uma perspectiva pessoal? Espero que meu rio possa navegar em você e que você possa completar e transbordar essa construção.

De qualquer forma posso tentar compartilhar uma dose. A vida tem sido uma aventura, uma busca constante por crescimento e transformação e já troquei de pele tantas vezes que não saberia nem por onde começar. Já queimei, virei pó e voltei em novas formas, porém conservando a essência. Já queimei literalmente em um acidente aos três anos de idade com queimaduras de primeiro a terceiro grau e, embora não consiga lembrar dos fatos, ainda hoje sinto profundamente quando uma pessoa que esteve lá fala a respeito. Já queimei largando crenças e desejos, sendo magoada profundamente, errando drasticamente, demorando para executar novas compreensões... Tenho certeza de que queimarei ainda mais e que, a cada novo bailar nas chamas, novas camadas surgirão e, a cada nova camada, alegrias também serão instauradas.

Nessa estrada me vi no caminho mais desafiador e transformador que pode existir: o encontro de mim mesma. Ponto de partida para qualquer transformação em outro grau. E nesse processo vem ainda minha compreensão enquanto mulher e como o feminino se instaura em mim e ao meu redor. Estava eu, portanto diante da toca do coelho com um chamado muito urgente e o coelho me avisava que já era hora, que já era hora. Era necessário cair e se deixar levar. Nessa aventura foram tantas dores e sorrisos, tantas imagens e ressignificações e, felizmente, tantos encontros e espelhos.

Não sei se acontece com você, mas frequentemente me pego soterrada pelo caos diário, afazeres, necessidades (ou a crença na necessidade) e obrigações e nem sempre consigo um momento de comunhão com o outro porque acredito que o mergulhar em alguém se trata disso, comunhão. E que isso é o que nos move, esse atravessar-se e se deixar atravessar. Trocar. Nesse projeto tive a sorte de ganhar algumas horas de plena comunhão. Um desnudar-se de alma diante de mulheres-guerreiras, mulheres-sol, mulheres-mães, mulheres-sorriso, mulheres-flores, mulheres-divas, mulheres-carinho, mulheres-dores, mulheres incríveis.

Decidi conversar com 11 mulheres sobre liberdade e aprisionamento no cotidiano feminino. A única obrigatoriedade seria que fossem mulheres e que apresentassem diferentes realidades socioeconômicas culturais. Procurei traçar perfis que contemplassem da juventude à terceira idade passando por pessoas de diferentes áreas de atuação. No grupo formado tive o prazer de colher o depoimento de pessoas com vivências bem distintas, delegada, artista, ex-presidiária, heterossexual, bissexual, lésbica, negra, branca, diferentes classes sociais, vivências em relacionamentos abusivos, em relacionamentos felizes, em famílias opressoras, enfim, em várias frentes. Naturalmente 11 pessoas não cobrem a totalidade da diversidade possível, mas me ajudam a olhar para um retrato mais amplo e com tonalidades muito particulares.

Pois bem, diante desse mosaico inicial, vivenciei dois dias de entrevistas no *Teatro Marco Camnarotti*, localizado no *SESC Santo Amaro*, no Recife, Pernambuco. Esse espaço por si só já me invade de emoções porque foi lá que se deu minha formação em interpretação e é sempre muito emocionante estar de volta, seja como espectadora ou realizando trabalhos meus. Aqui acho que posso te confidenciar mais uma coisa: eu choro muito. Choro sempre. Como forma de expressão para os mais variados sentimentos, sabe? Choro de dor, de tristeza, de raiva e de felicidade. A presença no teatro em questão já me desaguou muito e a condução dos dois dias de depoimentos não foi diferente. Tanto eu quanto elas, transbordamos. Penso que ali começamos a trançar nossos rios.

“Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E a lembrança são peixes nadando ao invés da corrente. Acredito, sim, por educação. Mas não creio. Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança”. (COUTO, Mía, 2003)

As entrevistas foram marcadas e acabaram por fugir do cronograma inicial, isso se você acreditar em acaso... Começamos, no primeiro dia de gravação, com uma pessoa da terceira idade, cuja vida daria vários filmes incríveis e, ao término do segundo dia, estivemos com uma pré-adolescente que nos atingiu com respostas afiadas, objetivas e rápidas, mas igualmente recheadas de poesia.

Começamos com Marisa Nóbrega que hoje integra o *Bárbara Idade*, grupo de teatro do *SESC Santo Amaro* (Recife, Pernambuco) e que, na juventude, trabalhou como assistente social. Marisa ocupou seu lugar no espaço nos invadindo com um sorriso contagiante. Uma história vasta e riquíssima, cheia de altos e baixos, mas que jamais a derrubaram. Penso que não é possível escurecer aquele espírito tão solar. O dia nunca é cinza por ali porque ela está sempre pronta para mostrar que tudo tem jeito e que, seja qual for a dor, vai passar, vai transformar. Basta ser você e trilhar seu próprio caminho. Falando assim pode parecer fácil, pode até parecer balela, mas algumas pessoas, tanto no riso quanto no choro, conseguem forças diretamente da mãe Terra e se sustentam. Borboletas em eterna transformação.

Fabrizia Macedo, atriz e psicóloga, chega no auge da juventude, mas não com menos histórias. Mãe, cidadã em trânsito e vítima de um relacionamento abusivo na juventude, abre o coração de uma maneira inesperada e me vejo diante de uma generosidade incrível. Um olhar sensível e disponível. Penso que nossas almas se abraçaram.

Judith Borba, procuradora de justiça, é uma mulher firme e objetiva. Tem clareza nas ideias e chega falando sobre transformações e viradas de rumo. Percebo, enquanto conversamos, como é possível virar o prumo durante a trajetória. Com ela também mergulho na adolescência e em como essa fase pode ser dura. Especialmente se você tem alguma diferença em relação a maioria que te cerca.

Maria da Conceição Zacarias de Souza, também conhecida como Teta ou como Ceça, é auxiliar de serviços gerais, mas já passou por uma penitenciária algumas vezes. É muito forte acompanhar o relato de alguém que se reconstruiu. Na verdade, um dos momentos mais marcantes do nosso encontro aconteceu antes de começarmos a gravar. Li algumas palavras sobre liberdade e aprisionamento, vou explicar mais adiante como as entrevistas aconteceram e do que se trata esse momento, quando terminei, ela me olhou

e disse mais ou menos assim: “nossas vivências são muito diferentes. Você esteve na escola, essa não foi a minha realidade. Existe luz e escuridão. Se ninguém te mostra a luz você só conhece a escuridão”. Pensei em quanta luz me foi trazida durante a vida, em como é uma sorte ter isso e em como é importante estar em contato, em diálogo.

Havia uma entrevista marcada com uma mulher trans porque esse é um olhar fundamental. No entanto, ela foi a única das 11 contatadas que não pôde comparecer devido a um problema de saúde. Foi frustrante, admito, mas diante dessa ausência cheguei à Denise Maria Moura e Silva, servidora pública. Denise foi acompanhando Teta e acabou ela mesma nos cedendo um depoimento que muito reverberou. Falamos sobre relações abusivas, sobre como esses abusos podem chegar de diferentes formas e sob diferentes faces. Como uma agressão vai muito além da questão física, sobre como é necessário estar em contato consigo e sobre como o nosso sorriso é fundamental.

Terminamos o primeiro dia diante desses encontros. Saí inundada de amor e emoção e, no segundo dia, mais uma tempestade dentro de mim.

Nataly Barreto, produtora, falou sobre a consciência da sua cor, sexualidade e empoderamento. Com ela me vi diante de muita poesia e sensibilidade. Um desabrochar instantâneo. Depois de ouvir minhas palavras iniciais ela já estava emocionada e, no início da nossa conversa, falou sobre como tinha chegado ali achando que seria muito tranquilo falar sobre o tema, mas que na verdade era muito difícil. É verdade, é difícil olhar para dentro. É difícil rasgar a alma mais uma vez, diante de outras pessoas. É muito difícil.

Karla Gonçalves é tatuadora e, durante seu depoimento, me deixou sem fala. Algo ali rebateu muito profundamente nas minhas próprias vivências. Tive que respirar. Karla trabalha *aguarela e fine line* com o sagrado feminino e desenvolve artes autorais com base na vivência e no desejo que cada pessoa leva para o seu ateliê. Foi muito interessante contar com seu olhar artístico e holístico e, por meio de suas vivências, pensei ainda sobre como, independentemente da geração, ainda reproduzimos muitos comportamentos que nos adoecem. Esse foi mais um aspecto fundamental nesses encontros: a possibilidade de trocar com diferentes gerações e refletir sobre como dores nos atravessam em todas elas.

No processo encontrei duas familiares: Nataly Sousa e sua mãe, Geni Maria. Geni, comerciante, foi a primeira a entrar no teatro. Com muita simplicidade e sinceridade abriu seu coração de mãe e mostrou como sempre se preocupa e cuida dos seus. Falou também sobre as suas batalhas e sobre como passou de submissa à dona de si. Que batalha linda! Geni também me contou sobre como a demonstração de afeto pode ser

difícil e sobre como abraçar alguém pode ser uma dificuldade. Mas, sabe? Às vezes, inesperadamente, somos arrebatadas por uma explosão de amor que nos ajuda a derrubar barreiras e desconstruir muralhas. Na nossa conversa também falamos sobre sonhos e sobre como o trabalho muitas vezes parece não ter fim.

Nataly Sousa, profissional de educação física, chegou mesmo afligida pela conjuntivite. Munida de referências e embasamento acadêmico, falamos sobre ser mãe, sobre medo e violência no cotidiano. Há algo de mágico em ter a oportunidade de encontrar mãe e filha, nessa situação, logo em sequência. Há algo de belo nisso. Em perceber como neto e filho formam um elo nas narrativas e como as vivências se encaixam.

Tereza Nogueira foi uma surpresa. Sendo ela delegada, confesso que nutri uma expectativa de focar sobre sua vivência na delegacia, no entanto, ela se mostrou em um desabrochar de um caminho holístico. Deixamos a correnteza fluir e pude ver diferentes facetas dessa mulher-mundo: mãe, profissional, artista, delegada, cantora, um ser em busca. Um ser que é e, que sendo, não se fecha em um único significado.

Lara Torres, pré-adolescente, é estudante. Chegou nervosa, com medo e, por um momento, achei que não falaria, mas mudou de ideia e seguimos juntas. Suas respostas foram cortantes, essa é a imagem que melhor traduz minha percepção. Ágil e extremamente simbólica, falou sobre sonhos, dores e necessidade de autoconsciência. Que felicidade!

Falo aqui brevemente sobre aspectos que me saltaram aos olhos a cada entrevista e, hoje, já escrevo com um certo tempo entre realização e escrita. No entanto, as conversas foram mais amplas e a verdade é que muito do que se diz sobre um encontro também pode se aplicar a outro. Engraçado como me vi diante de muitas semelhanças. Nos anexos será possível acompanhar a transcrição dos depoimentos. Naturalmente não abordamos todas as possibilidades de encarceramento e liberdade subjetiva e pessoal, mas adentramos naquelas que queimam fundo as almas e peles dessas doze mulheres, eu e as onze. Mais adiante destrincho melhor o que diz respeito às entrevistas.

Mas posso te adiantar que esses primeiros encontros já me viraram do avesso, eu nelas e elas em mim. Na dor e no sorriso fomos espelhos de nós e de tantas. Estive na insegurança, na força, no desabrochar, no sumir de si, no se reencontrar, no amor, na tristeza, em tanto do que foi dito, mostrado, compartilhado ou até mesmo nas entrelinhas. Nas nossas diferenças e proximidades compartilhamos muitas prisões e liberdades.

Mas essa é só uma parte do processo. As conversas com as mulheres, a elaboração de um documentário em audiovisual e os experimentos em fotografia foram

degraus para a construção da cena, no entanto todas essas pontas se originaram de um mesmo ponto de partida: textos de Mia Couto⁶. Sim, o desejo documental surgiu do contato com o ficcional. Hora encolhemos, hora dilatamos, encontramos coelho, lagarta, rainha, chapeleiro... Assim como Alice⁷, em uma aventura vertiginosa de descoberta, as relações se fundem e se transformam.

Então, diante de tanta vida compartilhada nas entrevistas, me vi no topo da montanha na qual deveria encontrar realidade e ficção porque, como disse há pouco, todo esse redemoinho se formou a partir do contato com o livro *O fio das missangas*, do escritor Mia Couto que com seus contos “Saia almarrotada” e “O cesto”, me remexeram inteira. O primeiro narra a história de uma moça cujo sonho era usar uma saia e que, ao receber uma como presente em segredo, é coagida a abrir mão do que tanto queria. O segundo conta a história de uma mulher que parece vislumbrar sua liberdade na iminência da morte do seu marido. Nas palavras poéticas e sonoras de Mia percebi mulheres de idades e realidades distintas, opressões e suas próprias prisões.

No início da jornada pensava em trabalhar a prisão literal, a partir de uma penitenciária feminina, mas as provocações se instauraram e, mais uma vez, o caminho tomou novos rumos. Parti para as liberdades e aprisionamentos do cotidiano feminino. O que te sufoca? O que te aflige? Onde sua voz cala mais fundo? Onde você guarda o seu maior grito? Sua força sobre-humana se origina em que ponto? Qual mão sustenta o teu salto e que dedo te reduz? Quando suas asas batem mais forte? O que me prende e o que me liberta?

Não posso precisar o quanto falo sobre as prisões e liberdades daquelas com quem conversei e o quanto falo de mim mesma porque, além das relações e paralelos instantaneamente estabelecidos, me vi em um processo que mexia fundo nas minhas próprias dores e travas. Dessa maneira, não consigo falar sobre tudo isso sem abrir meu coração. Na verdade eu não quero voltar a isso sem despejar a minha alma porque toda a questão me é muito urgente, muito íntima. Todas as palavras e olhares trocados, as parcerias estabelecidas. Tudo que me doeu e ainda me dói e toda a felicidade que me inunda.

É por isso que resolvi falar com você assim, de pertinho, em uma entrevista-câmera-olho. Por isso que estou te contando sobre elas porque quando falo delas também falo de mim e, tenho certeza, também falo sobre você. Se você quiser a gente segue junto. É importante dar as mãos. É importante olhar nos olhos, apurar os ouvidos e ampliar a escuta. É importante. Se você quiser pegar um café e sentar aqui do lado a

⁶ Pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, escritor moçambicano.

⁷ CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Coleção L&PM Pocket, 1998.

gente compartilha. Aqui estou posta. Defeitos e virtudes. Como Nataly Barreto me disse em entrevista, eu também digo para você: “Eu queria dizer que eu tô com você e se liberte, vamo’viver porque... a gente é forte, a gente consegue...”.

Tem sido doloroso, eu admito. Muitas vezes é muito, muito difícil. Nesse momento estou em vias de um curto circuito. Dá muito medo não ter certeza sobre que caminho seguir. É assustador se ver afundada em questões e, às vezes, a sensação é de afogamento. Mas acho que estou me adiantando. Disse que começaríamos pelo café, não foi? Sente o cheiro? Esse aroma me inebria. Já que você vai ver a minha alma acredito que preciso te contar algumas coisas sobre mim. Até aqui já vimos um tanto. Claro que eu sei que não nos conheceremos 100%, inclusive isso talvez nem seja possível. Em um dos filmes que mais me atravessam, *Minha vida sem mim* (2003/Dir. Isabel Coixet,) um dos personagens fala sobre como podemos ver apenas uma porcentagem de cada pessoa, acredito que entre nós não será diferente, mas se estivermos verdadeiramente dispostos, e eu estou, vamos realmente estar um com o outro e isso é incrível.

Também preciso te falar sobre mais uma motivação: preservar e perpetuar nossas heroínas, tão negligenciadas pela história, é fundamental para nos identificarmos, nos reconhecermos e para que possamos sempre lembrar. “Finalmente, acredito, como Elaine Showalter (2002), que precisamos construir nossa memória coletiva, dando a conhecer nossos “ícones feministas” locais, figuras que marcaram incisivamente a história dos feminismos no Brasil (...)” (RAGO, Margareth, 2013).

Mas vale ressaltar que essa memória e esse reconhecimento pode ser mais amplo do que aqueles que ainda se mantiveram em marcos históricos porque nossa trajetória vem sendo feita diariamente, incansavelmente, lado a lado, então perpetuar a memória e os feitos daquelas que nos rodeiam também se mostra urgente porque é na reafirmação e no reconhecimento que percebemos nossa imensidão. É preciso, portanto, narrarmos a nós mesmas e nossas vivências e também as que nos circundam. “Nesse sentido, narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir. O arquivamento do eu pode ser um ato de resistência política” (RAGO, Margareth, 2013). E não é exatamente isso? Uma maneira de nos reafirmarmos e de resistirmos?

Retomando o fio que conduz nosso café nessa junção cósmica, reforço que, diante das inquietações que me ferviam inteira tal qual uma panela de pressão com seu conteúdo em ebulição, passei a vislumbrar maneiras de mergulhar em mim e nelas concebendo um ensaio fotográfico e um documentário em vídeo como material de pesquisa e suporte para a criação de um espetáculo.

O ponto inicial foram as provocações de Mia Couto e seu desaguar nos depoimentos das 11 mulheres entrevistadas. Depoimentos esses que compõem o documentário em vídeo. Seguido a isso parti em busca das fotografias que ressoam essa temática em parceria com a fotógrafa Thaís Salomão⁸. Juntas, desde a primeira reunião, percebemos que estaríamos cavando em nós mesmas aquilo que também remexíamos fora de nós. Para a tradução dos sentimentos no palco bebemos em todas essas fontes previamente citadas. Nessa jornada contei com dois nomes fundamentais: as diretoras e atrizes Analice Croccia⁹, parceira desde os meus primeiros passos no teatro, e Hilda Torres¹⁰, que conduziu uma oficina sobre o feminino da qual participei e que foi um dos elementos fundamentais nesse caldeirão que acabou cozinhando a pesquisa que aqui se apresenta. Essas duas mulheres-parceiras assinam a encenação do que se construiu.

Já essa proposta, que posso considerar ousada, levando em consideração que decidi realizar o Mestrado em Artes Cênicas em paralelo às minhas atividades profissionais, a direção de um programa de televisão na *TV Jornal*, afiliada do *SBT* no Recife, e o espetáculo *Espera o outono, Alice* (2018/ Dir. Quiercles Santana¹¹ e Analice Croccia) do AMARÉ Grupo de Teatro¹², me ajudou a confrontar inúmeras das minhas próprias amarras: a necessidade de controle e de buscar ultrapassar limites. Uma *workaholic* incurável, estive a beira de um ataque de nervos encarando um malabarismo de atividades e cidades, Recife, onde moro, e Natal, onde cursei o Mestrado, e, no processo, passei a observar limites, facetas, capacidades e transformações pessoais bem como consegui reavaliar muito do que carregava em mim.

Nesse momento lembro de Hilda Machado, um dos nomes que (re)conheci durante a presente pesquisa:

“Parar
de fazer mil coisas ao mesmo tempo
de bater de encontro às coisas
de encontrar elefantes dentro das lojas

sou de porcelana”
(MACHADO, Hilda, 2018)

Na verdade continuo viciada em trabalho, ligada em alta voltagem e funcionando melhor quando desempenho muitas atividades e assim dou vasão ao que me transborda, mas inúmeras vezes, no decorrer do trajeto que relato aqui, me observei em

⁸ Jornalista e fotógrafa pernambucana.

⁹ Atriz e diretora pernambucana.

¹⁰ Psicóloga, atriz e diretora pernambucana.

¹¹ Ator e diretor pernambucano.

¹² Grupo pernambucano formado em 2015.

encruzilhadas e as palavras da poetisa me atravessaram. Eventualmente, dentro dos nossos processos, também mantemos nossas prisões, mas nesse turbilhão todo percebi que é necessário acreditar, aceitar e entregar muito do que gostaria de controlar.

Para me auxiliar nessa jornada contei com pessoas e pensamentos que me antecederam e puderam me auxiliar no caminho a ser seguido. No que diz respeito à linguagem documental no cinema me apoiei principalmente em Bill Nichols e no já citado Eduardo Coutinho que, com sua filmografia, bem como com obras que estudam suas escolhas e trabalhos, nos mostra não apenas modalidades e maneiras de pensar a linguagem documental, mas também como o humano pode ser a principal ferramenta e objetivo dos filmes. No teatro documentário recorri principalmente a Marcelo Soller, que vem dedicando sua pesquisa ao tema, mas também buscando referências na autoescritura performativa de Janaína Leite e no biodrama com Vivi Tellas e Davi Giordano, além de peças que se apoiam no gênero. Por fim, pude contar ainda com nomes como Margareth Rago, Márcia Tiburi e Maria Amélia de Almeida Teles no que diz respeito ao feminino, além de Lucyana Lira, Gaston Bachelard e Roland Barthes no paralelo entre imagem, fricção e imaginário.

Divido essa travessia em quatro partes: o presente momento, que consiste em uma apresentação inicial que possa estabelecer quem eu sou e do que se trata a minha proposta, como minha formação, em diferentes áreas, me trouxe até aqui e como pretendo conduzir a escrita da dissertação. Em seguida, um momento voltado para a questão documental. A relação entre cinema e teatro documentário, qual é a relevância de se trabalhar o documental, minha necessidade pessoal de abordar a linguagem, exemplos de espetáculos e a relação do mesmo com a memória e com o humano. Na sequência abordo o processo de construção do material que dá base ao monólogo: os depoimentos das mulheres, a construção do documentário em vídeo, as experiências em fotografia e a relação disso com os textos ficcionais de Mia Couto que deram o impulso inicial para a pesquisa. No terceiro momento passo ao processo de construção do monólogo e, nesse movimento, estabeleceremos a relevância e urgência de tratar o feminino e a memória realizando, assim, um resgate de mim mesma e para finalizar, apresento a conclusão do percurso traçado promovendo uma avaliação, destacando as descobertas e as possibilidades futuras fazendo uma reflexão crítica do processo construído dialogando com os teóricos apresentados no decorrer do trabalho. Nos anexos consta ainda a transcrição dos depoimentos coletados com as 11 mulheres entrevistadas.

Dessa maneira a presente pesquisa se mostra muito maior do que o acompanhamento da gestação e realização de um espetáculo. Vi-me aqui juntando três

pontas: passado e memória, presente e reconhecimento, perspectiva e transformação, não só minha, mas também das demais vozes femininas que compõem esse quadro passando ainda pelo limiar entre real e ficção.

Tenho aqui uma chance de repensar e rever e, com isso, reconstruir também a mim mesma. Uma possibilidade de voltar a mim, no passado, no presente e no que penso que vem pela frente, passando pela relação com as pessoas ao meu redor e com o feminino, acrescentando a isso as vozes de 11 outras mulheres, a reverberação provocada pelos textos de Mia Couto e ainda a contribuição dos demais profissionais que auxiliaram e ampararam nessas realizações. Talvez seja esse o meu centro de conhecimento, um centro bem pessoal. Enquanto escrevo essas palavras penso na simbologia do centro e na sua capacidade de junção de diferentes mundos. “Nas culturas que conhecem a concepção das três regiões cósmicas — Céu, Terra, Inferno — o «centro» constitui o ponto de intersecção destas regiões. É aqui que se torna possível uma ruptura de nível e, ao mesmo tempo, uma comunicação entre estas três regiões.”¹³ Uma pequena abstração, eu sei, mas essa imagem permanece na minha mente como ponto para a germinação de uma árvore pessoal com suas ramificações e realidade cíclica.

Dessa maneira, acho que é hora de darmos continuidade ao nosso café, a esse mergulho que nos prometemos porque ainda tem tanto que eu gostaria de te contar. Das angústias e descobertas, dos erros e certos, das caminhadas em círculo para, em algum momento, dar saltos. Pulemos juntos?

Referências bibliográficas

BASKERVILLE, Nelson. **Luís Antônio – Gabriela**. São Paulo: nVersos. 2012.

BRECHT, Bertold. *Teatro completo* 04 - A Santa Joana dos matadouros, A exceção e a regra, A mãe, Os sete pecados capitais dos pequeno-burgueses. Ed. Paz e tempo, 1994.

BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Arquipelago. 2006.

COUTO, Mia. **O Fio das Missangas**. Cia das Letras, 2003.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Coleção L&PM Pocket, 1998.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Editora: Artes e letras/Arcádia,1979.

GIORDANO, Davi. **Teatro Documentário Brasileiro e Argentino: o biodrama como a busca pela teatralidade do comum**. Porto Alegre: arm@zém digital.2014.

_____. **Breve ensaio sobre o conceito de teatro documentário**.

¹³ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Editora: Artes e letras/Arcádia,1979.

_____. **O biodrama como a busca pela teatralidade do comum.** Revista Lindes, Buenos Aires, 2013. Performatus, 2013.

LEITE, Janaína Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

MACHADO, Hilda. **Nuvens.** Editora 34, 2018.

RAGO, Margareth. **A AVENTURA DE CONTAR-SE: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SOLER, Marcelo. **Teatro documentário: a pedagogia da não ficção.** Ed. HUCITEC, São Paulo, 2010.

_____. **O campo do teatro documentário.** Sala preta PPGARC.

_____. **O Espectador no teatro de não ficção.** São Paulo: Revista Sala Preta, n. 8, 2008.

VIEIRA, Elise. **Teatro documentário e a história não contada.** Anais do Simpósio da Internacional Brecht Society, 2013.

Cinema:

CÂMERA olho ou Homem com uma câmera. 1929. Direção: Dziga Vertov.